O GHOUL

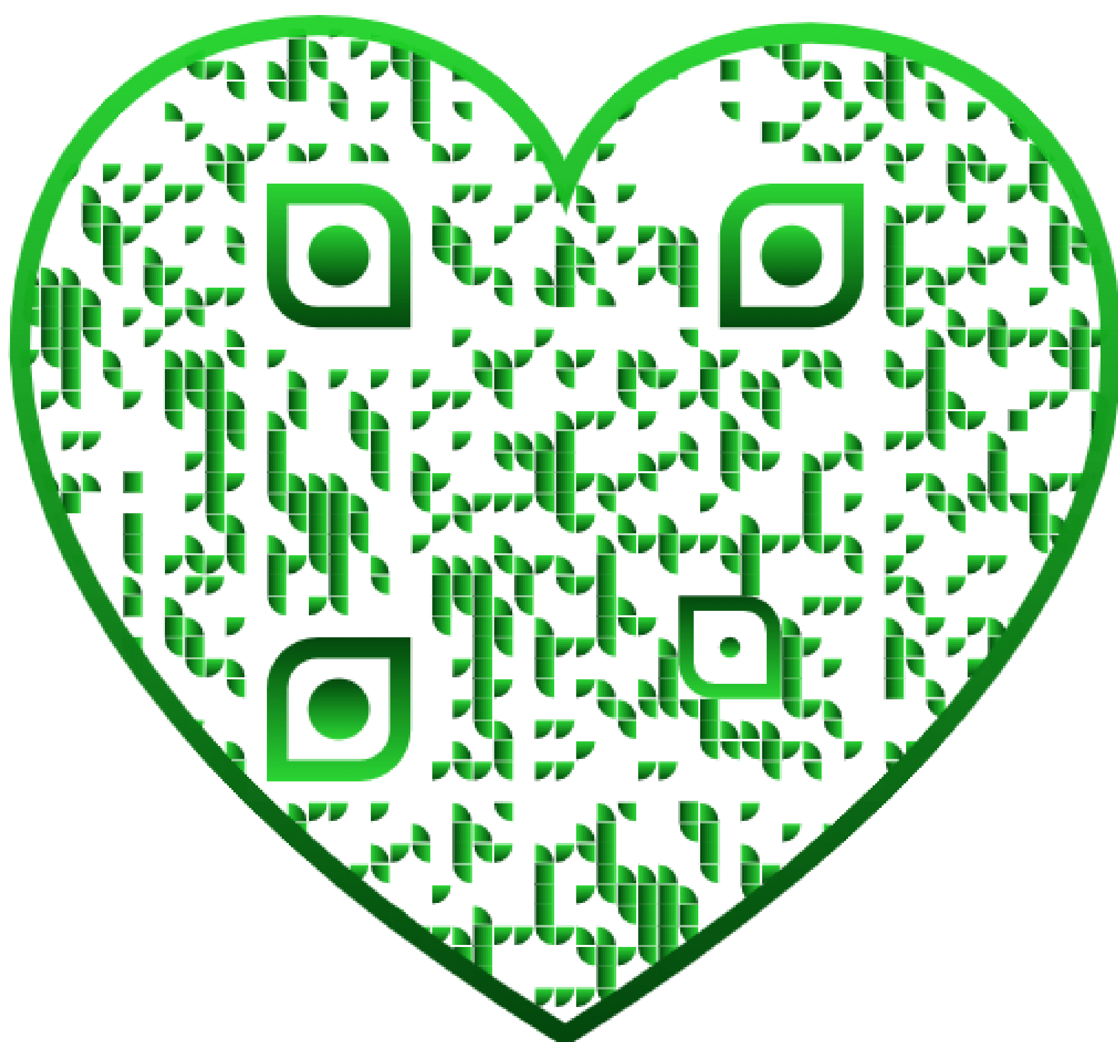


C. A. Smith

Tradução e Revisão: JossiB Slavic

Sinopse:
Um conto de terror sobre um dos gênios mais maléficos da mitologia árabe: um ghoul, espécie de demônio devorador de cadáveres, e da aventura de um homem que não queria deixar o monstro destruir o corpo de sua esposa.





Durante o reinado do Califa Vathek, um jovem de boa família e reputação, chamado Noureddin Hassan, foi conduzido ante o Cadi Alimed Ben Becar de Bassorah.

Mas Noureddin era um jovem bonito, de mente aberta e aspecto gentil; e grande foi o assombro do Cadi e de outros presentes quando escutaram as acusações que se elevaram contra ele. Era acusado de ter assassinado sete pessoas, uma a uma, em sete noites sucessivas, e de ter abandonado os cadáveres em um cemitério próximo a Bassorah, onde foram encontrados caídos, com seus membros devorados de um modo espantoso, como por chacais. Quanto às pessoas que se supunha que tinha matado, três eram mulheres, dois mercadores errantes, um mendigo, e outro um coveiro.

Abmed Ben Becar era cheio de conhecimento e a sabedoria de honoráveis anos, e possuía além disso uma grande perspicácia. Mas estava profundamente perplexo pela estranheza e atrocidade daqueles crimes e pelo aprazível comportamento e aparente boa casta de Noureddin Hassan, que não casavam em modo algum com os crimes. Escutou em silêncio o testemunho das pessoas que tinham visto, na véspera, Noureddin transportar sobre seus ombros o corpo de uma mulher para o cemitério; e outros que, em similares ocasiões, tinham-lhe observado rondar pela vizinhança a horas indecorosas às que só os ladrões e assassinos rondam. Então, tendo considerado tudo, interrogou o jovem com amabilidade.

"Noureddin Hassan," disse-lhe, "foste acusado de crimes que excedem o obsceno, e que contradizem seu porte e linhagem. Existe uma explicação para estes acontecimentos com a qual deseje se desculpar, ou em alguma medida mitigar estes fatos, em caso de que sejam culpado? Ameaço-te a me contar a verdade neste assunto."

Agora, Noureddin Hassan se elevou ante o Cadi; e o peso de sua vergonha e dor eram visíveis em seu semblante.

"Ai de mim, oh Cadi," respondeu, "pois as acusações que foram apresentadas contra mim são, na verdade, certas. Fui eu, e nenhum outro, quem matou a aquela gente; e não posso oferecer atenuante algum a meus atos."

O Cadi ficou aturdido e entristecido ao escutar esta resposta. "Devo, por força, lhes acreditar," disse severamente. "Mas confessastes uma coisa que fará de seu nome, de agora em diante, uma abominação ante os ouvidos e as bocas dos homens. Ordeno-te que me digas por que foram cometidos esses crimes, e que ofensas te tinham infringido essas pessoas, ou que dano te tinham feito; ou se possivelmente os mataste por dinheiro, como um ladrão comum."

"Nem ofensa nem dano algum me causaram," replicou Noureddin. "E não os matei por dinheiro, posses ou aparência, pois não tenho necessidade de tais coisas, e, além disso, sempre fui um homem honesto."

"Então," gritou Ahmed Ben Becar, altamente intrigado, "Qual foi a razão, se não foi nenhuma dessas?"

Agora, o rosto de Noureddin Hassan acusou um maior pesar; e inclinou a cabeça de uma maneira envergonhada que revelava seu profundo remorso. E permanecendo assim ante o Cadi, narrou sua história:

"Os reversos da fortuna, Cadi, são rápidos e penosos, e vão além das possíveis advertências do homem. Ai! Há menos de quinze dias era eu o mais feliz e o menos culpado dos mortais, sem pensamento algum de fazer mal a ninguém. Estava casado com Amina, a filha do mercado de jóias Aboul Cogia; e a amava tão profundamente como ela, por sua vez amava-me; e além disso preparávamos, por aquele tempo, o nascimento de nosso primeiro filho. Eu tinha herdado de meu pai uma rica fazenda e muitos escravos; os pesares da vida eram mera luz sobre meus ombros; e tinha, claramente, todas as razões para me contar entre aqueles que Alá abençoou, com uma antecipação do paraíso na terra.

Julga, então, a excessiva natureza de minha desgraça quando Amina morreu no momento de dar à luz. Desde esse momento, no terrível extremo de meu lamento, fui como alguém privado de luz e conhecimento; fui surdo a todos aqueles que desejaram me consolar, e cego a seus amistosos serviços.

Depois de enterrar Amina meu pesar se tornou verdadeira loucura, e vaguei de noite, para sua tumba no cemitério próximo a Bassorah e me joguei no chão, me prostrando ante a lápide recém-escrita, sobre a terra que tinha sido removida nesse mesmo dia. Meus sentidos me abandonaram, e não soube quanto tempo tinha estado sobre o úmido barro sob os ciprestes, enquanto o feixe de uma lua minguante se elevava no céu.

Então, em meu estupor e abandono, escutei uma terrível voz que me impeliu a me levantar do chão no qual me achava deitado. E elevando um pouco minha cabeça, vi um espantoso demônio de gigantesca estatura, com olhos de fogo escarlate sob uma fronte tosca como uma raiz embrulhada, e presas que se sobressaíam de uma cavernosa boca, e dente negros, como a terra, mais largos e afiados que os da hiena. E o demônio me disse:

"Sou um *ghoul*, e é meu ofício devorar os corpos dos mortos. Vim agora reclamar o cadáver que foi enterrado hoje sob o chão sobre o qual jaz desse modo tão grosseiro. Vá, pois não tenho me alimentado desde ontem à noite, e estou muito faminto."

Foi então, à vista deste demônio, ante o som de seu terrorífica voz, e ante o ainda mais terrorífico significado de suas palavras, que estive a ponto de me deprimir de terror sobre a lama fria. Mas me recuperei de algum modo, e encarando-o, disse-lhe:

"Esqueça esta tumba, imploro-lhe; pois aquela que jaz enterrada em seu interior, é mais querida para mim que qualquer outro mortal vivente; e não desejaria que seu formoso corpo fosse o sustento de um sujo demônio como você."

Neste ponto o ghoul se zangou, e pensei que poderia me fazer algum dano físico. Mas de novo encarei-o, invocando Alá e Maomé com muitos solenes juramentos de que lhe garantiria algo comestível e lhe faria qualquer favor que estivesse em mãos de um homem realizar, se deixasse intacta a recém cavada tumba da Amina. E o ghoul se apaziguou de algum jeito, e disse:

"Se deseja, de fato, me fazer um certo serviço, farei o que pediste." E eu respondi:

"Não há serviço, seja qual for sua natureza, que não fizesse eu por ti, por esta causa; e te rogo que me diga seus desejos."

Disse então o ghoul: "Isto é: que me tragas cada noite, durante oito noites sucessivas, o corpo de alguém a quem tenhas matado por tua própria mão. Faz isto, e nem devorarei nem desenterrarei o corpo que jaz enterrado ali abaixo."

Fui embargado então pelo mais absoluto horror e desespero, pois me tinha comprometido por minha honra a garantir ao ghoul sua espantosa petição. E lhe supliquei que mudasse os términos de nosso pacto, lhe dizendo:

"É necessário, oh comilão de cadáveres, que os corpos sejam de gente a quem eu mesmo tenha matado?"

E o ghoul disse: "Sim, pois outros seriam como minha comida habitual, ou a de qualquer de minha classe. Ameaço-te pela promessa que me fizeste, a que venhas aqui amanhã de noite, quando a escuridão cair por completo, ou pouco depois, conforme possam, me trazendo o primeiro dos oito corpos."

Dizendo isto, afastou-se entre os ciprestes, e começou a cavar em outra tumba recente a pouca distância de Amina.

Abandonei o cemitério em um estado de maior angústia que quando entrei, pensando no que teria que fazer para cumprir minha maldita promessa, para preservar o corpo da Amina, desse demônio. Não sei como sobrevivi ao dia seguinte, afligido como estava entre o pesar pela morte e meu horror pela noite vindoura, com sua repugnante tarefa.

Quando a escuridão desceu, saí a espreitar em uma solitária estrada próxima ao cemitério; e esperando ali, entre os largos ramos das árvores, assassinei o primeiro caminhante com uma espada e transportei seu corpo ao ponto acordado com o ghoul. E cada noite seguinte, durante seis noites mais, retornei ao mesmo lugar e repeti este fato, matando sempre o primeiro que vinha, fosse homem ou mulher, ou mercador ou mendigo ou coveiro. E o ghoul me esperava em cada ocasião, e

começava a devorar seu alimento em minha presença, com um breve agradecimento e escassa cerimônia. Sete pessoas matei no total, até que só uma faltava para completar o número acordado; e a pessoa que matei ontem à noite foi uma mulher, tal como a testemunha narrou. Tudo isto o fiz com a maior repugnância e rechaço, e forçado unicamente pela lembrança de minha palavra dada, e pelo destino que cairia sobre o corpo da Amina se eu rompesse o trato.

Esta, oh, Cadi, é toda minha história. Ai por mim! Pois destes lamentáveis crimes não me beneficiei, e falhei por completo em manter meu acordo com o demônio, que sem dúvida esta noite, consumirá o corpo da Amina em lugar do outro corpo que ainda necessitava. Resigno-me a seu julgamento, Ahmed Ben Becar, e não te imploro mais piedade que a morte, com a que terminarei tanto meu pesar como meu remorso."

Quando Noureddin Hassan terminou sua narração, o assombro de todos os que o tinham escutado foi verdadeiramente imenso, pois ninguém recordava ter escutado um relato mais estranho. E o Cadi refletiu um momento e então adotou uma decisão, dizendo:

"Devo por força me maravilhar de seu relato, mas os crimes que cometeste não são por isso menos atrozes, e mesmo Iblis retrocederia horrorizado ante eles. Por outra parte, deveria se ter em conta o fato de que deste tua palavra ao ghoul e os fatos foram consumados para cumprir tua demanda, sem importar o horrível de sua natureza. E tenho também em consideração teu pesar de marido, que te impeliu a defender do demônio, o corpo de tua mulher. Por isso, não posso te julgar culpado, embora saiba que o castigo que seria apropriado em um caso tão atroz, não teria comparação. Portanto, estás livre, com esta ordem, que expies teus crimes da maneira que melhor considerar, e que aplique a justiça a ti mesmo e a outros, na medida do possível."

"Agradeço-vos a piedade," replicou Noureddin Hassan; e então partiu da corte ante o grande assombro de todos os pressente. Produziu-se um grande debate assim que se foi, e muitos estavam dispostos a questionar a sabedoria da decisão do Cadi. Havia quem mantinha que Noureddin deveria ter sido sentenciado à morte sem demora por seus abomináveis atos embora outros argüiam sobre a santidade de sua palavra dada ao ghoul, que o desculpava de tudo, ou em parte. E se contaram histórias e se citaram casos concernentes aos hábitos dos ghuls e as estranhas obrigações dos homens que tinham surpreendido aos ditos demônios em suas buscas noturnas. E de novo a discussão retornou a Noureddin, e o veredicto do Cadi foi de novo atacado e defendido com distintos argumentos. Mas acima de tudo aquilo, Ahmed Ben Becar permaneceu em silêncio, dizendo unicamente:

"Esperem, pois este homem renderá justiça ante si mesmo e ante outros implicados, logo que lhe seja possível."

E, de fato, assim ocorreu, pois à manhã do seguinte dia, outro corpo foi encontrado no cemitério perto de Bassorah, jazendo meio devorado sobre a tumba da mulher de Noureddin Hassan, Amina. E o corpo era o de Noureddin, que esfaqueou-se, para não só cumprir deste modo

a ordem do Cadi, mas também para manter sua promessa feita ao ghoul, provendo-o dos cadáveres que haviam combinado.





Amor & Livros

